

# Caminhos pelo mundo



O geógrafo Jorge Morteau passou pelo Irã, onde aprendeu persa, e hoje investiga como países do Sul global podem articular redes de cooperação

**M**a infância eu passava horas des-trinчando mapas. Gostava de lo-calizar as fronteiras dos países, os rios, os desertos. Um pouco mais velho, me interessei pela aviação. Daí pesquisava sobre as capitais brasileiras e desenhava novas rotas de voos. Um dos meus passeios preferidos era ir com meu pai ao aeroporto de Congonhas, em São Paulo, cidade onde nasci e cresci, fotografar os poucos e decolagens. Mas nunca pensei que poderia estar em um daqueles aviões e que no futuro iria estudar e trabalhar em outro país.

Já adulto, morei no Irã entre 2009 e 2012. Além do persa, língua oficial do país, aprendi que, assim como o Brasil, esse país do Oriente Médio apresenta grandes contrastes. Trata-se da 18ª maior economia do mundo, alimentada pelas vastas reservas de petróleo e de gás natural, mas essa riqueza não se reflete na renda média da população. Apesar da dependência do

petróleo, o Irã tem buscado diversificar sua economia por meio de investimentos em setores como agricultura e turismo. Também tem intensificado as relações comerciais bilaterais.

Meu interesse pelo Oriente Médio surgiu no início da graduação em geografia, que cursei entre 2002 e 2008 na Universidade de São Paulo [USP]. Fui impactado especialmente pela disciplina sobre regionalização do espaço mundial, do professor André Martin. Nela estudamos os processos de divisão do mundo a partir das características naturais, culturais ou econômicas, visando facilitar análises e o planejamento de políticas públicas.

No segundo ano, fui aceito como pesquisador no Laboratório de Geografia Política [Geopo], em que ele é um dos coordenadores. No trabalho de conclusão de curso, analisei a estratégia do Irã e do Qatar para driblar o domínio do dólar no comércio mundial de petróleo.

Semanas após ter concluído a graduação, em 2008, soube que o Ministério de Relações Exteriores do Irã estava buscando um estudante recém-graduado interessado em fazer mestrado sobre assuntos contemporâneos iranianos. Fiz a inscrição e fui escolhido entre os 75 candidatos brasileiros.

Viajei para Teerã em 2009. Não tive grandes dificuldades de adaptação, mas alguns estranhamentos foram inevitáveis em se tratando de um regime autoritário. A internet é censurada de modo geral e a Sharia, ou lei islâmica, base do sistema jurídico iraniano, impõe uma série de restrições sociais, criando contrastes. Por exemplo, homens e mulheres frequentam escolas separadas, mas os cursos superiores são mistos. Além disso, as mulheres podem estudar e seguir qualquer profissão, mas não podem frequentar um estádio de futebol ou cantar em público.

A despeito disso, penso que tive a sorte de participar da última edição do Programa de Mestrado em Estudos Regionais do Oriente Médio, da School of International Relations, financiado pelo governo iraniano. Ministrado em inglês, o curso tinha uma estrutura parecida com o de formação dos diplomatas iranianos. Por isso, oferecia uma visão ampla do Irã por meio de disciplinas como história, geografia e relações internacionais.

Na pesquisa de mestrado, fiz uma análise comparativa das relações comerciais entre o Brasil e o Irã em dois momentos: a década de 1970 e os anos 2000. Busquei entender como o regime político e o cenário internacional impactaram o perfil do comércio entre os dois países. Enquanto o Irã enfrentava uma revolução teocrática que gerou um isolamento comercial, o Brasil vivia o “milagre econômico”, marcado entre outros fatores pela chegada de multinacionais ao país e pela aceleração da urbanização. Ao longo de 30 anos, houve uma inversão na balança comercial entre os dois países, com superávit para o Brasil por causa da exportação para o Irã de produtos agrícolas, principalmente soja e milho.

O estudo do persa em sua forma mais clássica era uma disciplina complementar na grade do programa. De origem indo-europeia, a língua confere ao país uma identidade única em relação aos países vizinhos, que compartilham uma herança cultural árabe. Segui estudando o persa, mesmo após concluir a disciplina, dessa vez em um instituto de linguística ligado à Universidade de Teerã. Com o tempo adquiri fluência no idioma, incluindo o persa mais coloquial.

Durante o mestrado, fui convidado em 2010 pela embaixada brasileira em Teerã a ajudar nos preparativos da visita ao Irã



2

do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e um grupo de 200 empresários de vários setores. Um dos objetivos da comitiva era ampliar o comércio com aquele país.

Essa experiência acabou resultando em outro convite pouco depois, quando eu já tinha finalizado o mestrado. Dessa vez, era para assumir uma vaga permanente na embaixada como assistente de promoção comercial. O trabalho envolvia uma série de ações para fortalecer as relações bilaterais, como a realização de encontros entre empresários brasileiros e iranianos.

No período, pude colocar também em prática meus conhecimentos de comunicação. Sou formado em publicidade e propaganda pela Faap [Fundação Armando Álvares Penteado]. Fiz essa graduação entre 2001 e 2004 pela manhã, enquanto cursava geografia à noite. Um de meus sonhos de adolescente era ser redator publicitário. Após concluir a graduação, cheguei a trabalhar por um tempo na área, mas não me adaptei.

Em 2012, retornei ao Brasil para ficar perto da minha família. Precisava ajudar minha mãe a cuidar da minha avó materna, que, naquela altura, estava em estágio avançado de Alzheimer. Ela morreu no ano seguinte.

De volta ao país, trabalhei como docente no ensino superior privado e ministrei aulas de relações internacionais, inclusive na Faap, onde tinha estudado publicidade. Em 2021, fui aceito no Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da USP. Uma bolsa da Capes [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior] viabilizou

Acima, Morteau em 2010 na praça Naghsh-e Jahan, em Esfahan (Irã), e, ao lado, no campus Butantã da USP

minha dedicação integral à pesquisa de doutorado. Parte dela foi feita no Indian Ocean World Center [IOWC], no Canadá, onde hoje sou pesquisador associado.

Intitulada “Ilhas Maurício: A encruzilhada meridional brasileira no oceano Índico”, a pesquisa é baseada na teoria meridionalista, elaborada pelo professor Martin, da USP, que orientou o trabalho. Ela propõe a criação de um comitê do Sul, composto por potências regionais como Brasil, Índia, África do Sul e Austrália, para articular uma agenda comum e redes de colaboração econômica, política, tecnológica e militar.

Na pesquisa, a partir de uma análise das Ilhas Maurício, defendo que o aprofundamento das relações entre o Brasil e esse país poderia fortalecer a presença brasileira no oceano Índico. Isso ajudaria a consolidar uma agenda meridionalista para o século XXI.

Defendi minha tese em abril de 2025. Neste segundo semestre, serei um dos professores do curso de pós-graduação *lato sensu* Geopolítica do Mundo Contemporâneo, ministrado on-line pela PUC-MG [Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais]. Estou animado com esse novo desafio. ●

DEPOIMENTO CONCEDIDO A  
PATRICIA MARIUZZO



**SAIBA MAIS**  
Laboratório  
de Geografia  
Política  
da USP